

# HERÓIS DE HOJE

COMPILAÇÃO

## Descobrimo o talento

**M**ARIA EULINA Reis Hilsenbeck estava em apuros. Aos 21 anos, não tinha emprego nem onde morar em São Paulo. Pensou em voltar para sua cidade no Maranhão, mas não queria confessar-se vencida.

Encontrou uma pensão para moças, mas descobriu mais tarde que se tratava de um bordel. Sem dinheiro, e recusando-se a seguir a “vida” da casa, viveu pelas ruas durante um ano e sete meses.

Então conheceu uma jovem de Pernambuco que, comovida com sua história, a convidou para trabalhar como empregada doméstica e, depois, como telefonista na empresa onde ela mesma trabalhava. Lá Maria Eulina conheceu Alex, superintendente da companhia, que namorou e com quem veio a se casar.

Mesmo levando uma vida confortável, Maria Eulina não se acomodou. Resolveu pôr em prática o que aprendera nas ruas. Visitou favelas, entrou nos barracos e conversou com as pessoas. Com o auxílio de voluntários, distribuiu cestas básicas e divulgou informações sobre saúde.

“Depois de alguns anos organizamos cursos profissionalizantes

nas favelas. Hoje temos a oportunidade não apenas de dar o pão, mas de dizer: ‘Não há nada que você saiba fazer? Então eu lhe ensinarei e você cuidará de sua vida.’”

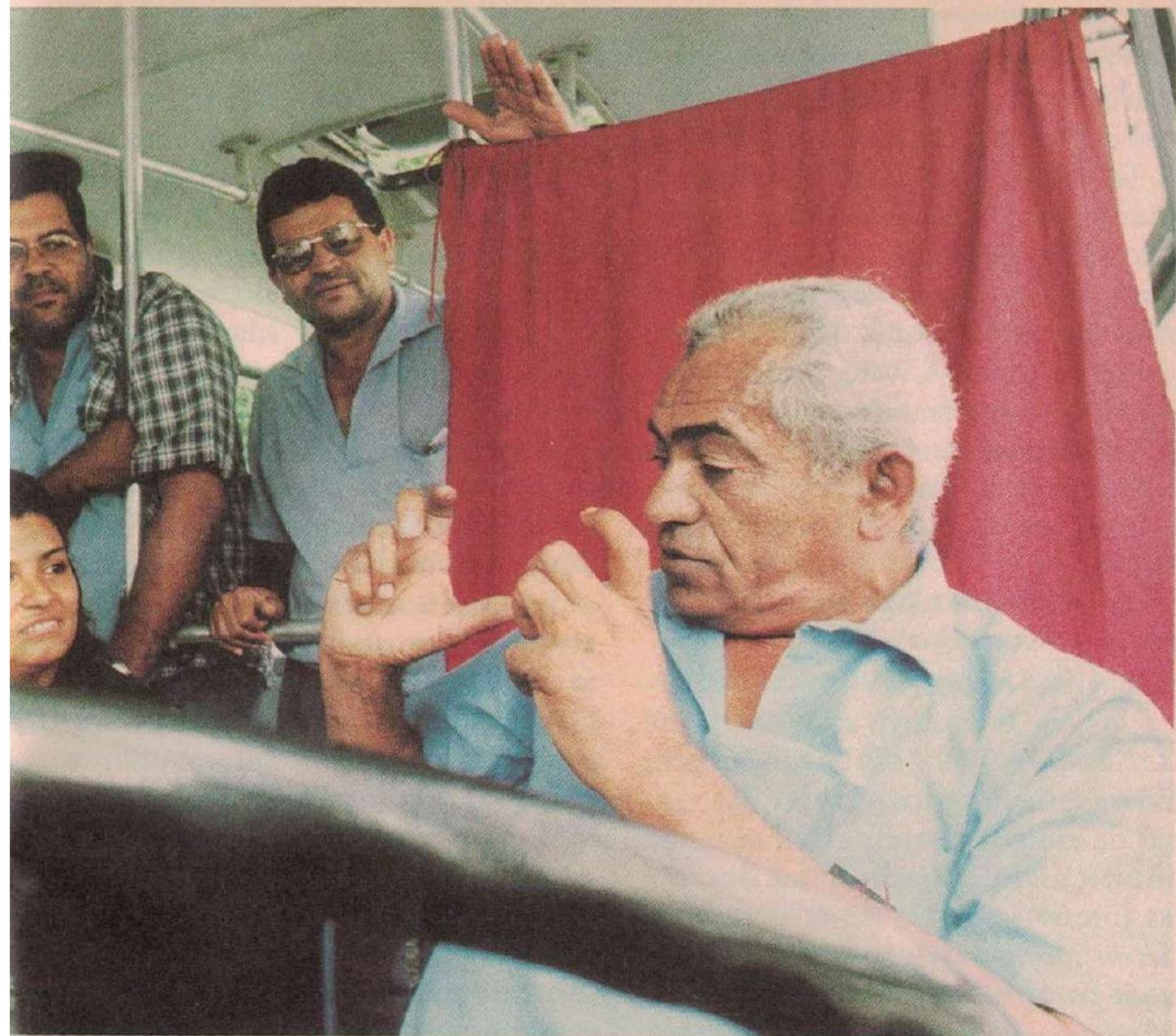
Para oferecer o apoio que não teve quando viveu nas ruas, ela criou a Oficina Profissionalizante Clube de Mães do Brasil, em parceria com o Senai. A oficina oferece 200 cursos e já formou 16 mil pessoas. Seu trabalho consiste em descobrir talentos nas favelas – costureiras, pedreiros, eletricitas – e criar condições para que eles ensinem o que sabem.

A oficina não tem fins lucrativos e sobrevive de doações. O trabalho de ajudar os sem-teto já dura mais de 20 anos. Para Maria Eulina, a rua foi uma escola.

“Não sinto ressentimento contra qualquer coisa ou qualquer pessoa. Acho que tive de passar pelas ruas para ter a coragem que tenho hoje. Tudo o que você tiver de realizar nesta vida, há de realizar”, diz Maria Eulina.

—ROSANE QUEIROZ, revista Marie Claire





**Exemplo de Persistência**— Durante o percurso diário de seu ônibus, o motorista Cícero dá aulas e ao mesmo tempo faz amigos.

### **Ônibus ou sala de aula?**

**A**NDAR NO ÔNIBUS guiado pelo motorista Cícero Pereira da Silva em São Paulo é sinônimo de aprendizado. Cícero, 61 anos, 26 de profissão, costuma *dar aulas* para os passageiros durante o trajeto Aeroporto–Perdizes da linha 875A.

Ele também dá aulas aos companheiros de trabalho na garagem da Viação Tupi. Quando é escalado para outro trajeto, a empresa recebe telefonemas de passageiros regula-

res da linha 875A que pedem sua volta.

“Meus alunos mais atentos são médicos, advogados e universitários”, diz Cícero, que interrompeu os estudos pouco antes de prestar vestibular para medicina. Não ter conseguido ingressar na universidade por falta de recursos não o desanimou. Continua estudando por conta própria.

Os temas prediletos de Cícero são a fauna e flora, mas em suas “aulas

diárias” a principal luta tem sido pelo uso correto da língua portuguesa.

Ele demonstrou que aprendeu a usar as palavras num assalto. “Cidadão, por gentileza, abaixe a arma porque a empresa tem seguro e eu não vou tentar trocar desaforos com o senhor”, disse Cícero a um dos ladrões, com voz franca e calma.

– Eles guardaram as armas e aproveitamos para falar sobre gramática.

–PATRÍCIA VILLALBA, *O Estado de S. Paulo*

### **Companhia de um antigo amigo**

**A**OS 37 ANOS, Pedro Paulo Garcia descobriu que sofria da doença de Hodgkin, câncer no sistema linfático. Apesar das visitas de amigos e parentes, ele se sentia muito sozinho no hospital durante as intensas sessões de radioterapia. *Se eu sobreviver, pensou, vou voltar aqui para fazer um trabalho de companhia aos doentes.*

Hoje, 18 anos após a cura, ele continua em contato com a doença. Desde outubro de 1997 é voluntário do Instituto Nacional do Câncer, o Inca, no Rio de Janeiro. Dedicar parte do tempo a distrair crianças e adultos com câncer. Todas as quartas-feiras conversa e brinca com cerca de 60 crianças, vestido de *Pipoquinha*, palhaço que criou para alegrá-las. Aos domingos, volta para conversar com os pacientes adultos, corta o cabelo e faz a barba dos doentes e lê jornal para os que já não o conseguem. Quando diz que é “ex-colega” dos internos, deixa todos otimistas.

Maria Celes do Monte Batista, mãe de Manoel Vitor, que tem 8 anos e sofre de leucemia há três, diz: “Eu costumava achar que só o meu filho ficava ansioso aguardando a recreação do Pedro Paulo, mas todas as crianças ficam!” Manoel Vitor adora a atenção que recebe de Pedro Paulo.

A enfermeira Dayse Mary, que trabalha no Inca há 12 anos, acredita que voluntários como Pedro Paulo são indispensáveis: “No dia-dia nem sempre conseguimos dar aos doentes apoio psicológico. É maravilhoso poder contar com a boa vontade dos voluntários.” Pedro Paulo acredita que ajudar o próximo traz muito prazer, mesmo que isso signifique lidar com a doença que quase lhe tirou a vida. “Fico triste em ver pessoas com câncer, mas é preciso controlar os sentimentos. Não posso fraquejar porque perdi uma criança; afinal, tenho 50 me esperando.”

–ELAINE MENDONÇA

### **Biblioteca na favela**

**Q**UANDO TINHA 10 anos, Claudemir Alexandre Cabral deu aula de leitura para crianças e adultos do bairro pobre onde mora, na favela Paraisópolis, São Paulo. Ao perceber a aprovação dos alunos, montou uma sala de aula em seu barraco para dar reforço a estudantes e alfabetizar adultos.

Em 1995, aos 15 anos, começou a colecionar livros doados por estudantes e amigos. A primeira doadora foi

a patroa da mãe de Claudemir. Quando o garoto juntou 400 livros, instalou em casa uma pequena biblioteca, aberta ao público.

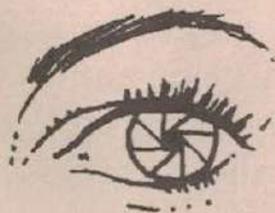
O barraco-biblioteca atraiu a atenção da mídia e pouco depois Claudemir passou a receber doações de todo o Brasil. Em certo momento, no lugar onde ficava a sua cama só havia livros. Hoje o barraco – onde morava com a mãe, o irmão, três irmãs e um sobrinho de 5 anos – está sendo reformado graças ao financiamento de grandes empresas. Será transformado em sobrado de três quartos. Uma área de 70 metros quadrados é destinada à biblioteca, que atualmente conta

com mais de 12 mil títulos, como *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Claudemir ganhou uma linha telefônica e dois computadores para cadastrar seus 2.800 filiados.

“Onde ando”, conta ele, “vejo pessoas com um livro da biblioteca na mão.” Os autores Paulo Coelho e Sidney Sheldon são os mais procurados. Mas o último livro que Claudemir leu foi um clássico de Monteiro Lobato. “Ler é importante para conhecer e entender melhor as coisas”, diz ele.

– JULIANA MARÇANO, *Jornal da Tarde*

## A VERDADEIRA FOTO



Voltando para casa, vi a lua cheia brilhando bem baixa no céu. Imediatamente soube o que tinha de fazer quando chegasse. Sem ligar para as compras, abri a porta e corri para o quarto de meu filho.

– Jordan, tenho uma coisa especial para mostrar a você! – exclamei, pegando-o no colo.

Levei-o para a rua, até podermos ver claramente a imensa lua luminosa.

– Não é uma beleza? – perguntei, sussurrando, enquanto admirávamos a massa radiosa.

Jordan também falou baixinho, perguntando por que a lua estava tão grande. Expliquei que era uma coisa especial, que não se via muitas vezes.

Meu marido saiu de casa e foi até nós. Ficamos os três ali abraçados na rua tranqüila. Essa imagem ficará para sempre gravada em minha memória – meu marido a meu lado, os bracinhos de Jordan em volta do meu pescoço, acreditando que aquilo fosse realmente algo importante.

– Devíamos tirar uma foto – disse meu marido.

– Acabei de tirar – respondi.

– CAROLYN VASCO, *Canadá*